

Festival mundial de marionetas

O dinamismo de uma arte milenar

Rita Martins

<
La 8^{ème} merveille,
criação e interpretação de
Les Plasticiens Volants,
2004,
fot. Jean-Pierre Estournet.



Galinhas enormes e apáticas saltitam na calçada; uma vaca, rodeada de músicos com dois metros de altura, atravessa a praça e mecanismos alucinantes deslocam-se nas ruas, com grande à-vontade e pouco decoro. Há um local e um momento onde tudo pode acontecer: estamos em Charleville-Mézières e, entre 15 a 24 de Setembro, quem caminha pelas ruas da cidade seiscentista ou atravessa a imponente e elegante Praça Ducal, descobre uma nova dimensão – o Festival Mundial de Teatro de Marionetas. Cento e quarenta e oito companhias, provenientes de quarenta países, apresentam mais de duzentos e cinquenta espectáculos, proporcionando um encontro único entre culturas e práticas artísticas. Esta é a 14ª edição de um festival que tem vindo a crescer desde 1961, sendo hoje considerado um evento incontornável para as artes da marioneta e do espectáculo.

Espaço de encontro e de confronto, o festival apresenta uma vitalidade que reside numa programação eclética, permitindo ao espectador conhecer toda uma diversidade de técnicas e universos criativos contrastantes. Compare-se a simplicidade do Théâtre des Tarabates (França) com o delirante concerto dos Puppetmastaz (Alemanha): no

primeiro, o público senta-se numa sala íntima, diante de um minúsculo cenário coberto de areia, onde duas mãos se transfiguram em seres que se descobrem e digladiam, amam, separam-se e unem-se; no segundo, Panic the Pig, Mr. Maloke, The Wizard, provocam o público, que salta e grita ao som de um frenético *hip-hop*. As múltiplas técnicas apresentadas surgem como sinal de uma evidente capacidade de renovação do teatro de marioneta, manifestando-se ainda, em grande parte dos espectáculos, uma cuidada concepção estética aliada a uma construção rigorosa do espectáculo. Marionetas de sombra, de fios, de luva, de mesa, de dimensão humana e em miniatura transportam o espectador para espaços poéticos feitos de sonoridades musicais e formas plásticas que fascinam crianças e, sobretudo, adultos, o público maioritário nas salas do festival. Percorrendo alguns desses espectáculos, esperamos ilustrar as possibilidades criativas do Teatro de Marioneta, os seus vários registos e linguagens, a capacidade expressiva dos objectos e a sua transfiguração em emoções humanas.

O Teatro Gioco Vita, que prossegue as suas investigações sobre a sombra e a presença do actor, dedica extrema



atenção à harmonia das cores e ao dinamismo da composição cénica em *Pépé e Stella* - a história de amizade entre uma criança e um cavalo. Desenhadas em fundos azul celeste e colorações quentes, as silhuetas narram a separação dos dois amigos, a espera de Pépé e o regresso atribulado de Stella a casa, em evocações homéricas da paciente Penélope e do corajoso Ulisses. Por sua vez, a companhia norueguesa Katta i Sekken utiliza apenas o negro e o branco no espectáculo criado a partir do conto do escritor sueco Gören Tunstöm. Em *Ariel*, o fantástico conjuga-se com o realismo psicológico na estranha história da criança que nasce com asas e do progressivo desamor entre os seus pais. Debaixo de uma luz localizada, quase austera, as marionetas de mesa, esculpidas em madeira branca, deslocam-se num ambiente onírico, sublinhado pelas vozes melodiosas dos actores e os movimentos suaves das figuras.

Mas nem só de ternura vive o Teatro de Marioneta e para prová-lo basta visitar uma das suas mais famosas personagens - o intrépido Polichinelo, de retorno à vida pelas mãos de Estelle Charlier e Romuald Collinet (La Pendue, França), que incutem um ritmo e uma energia exuberantes a um espectáculo de feira impertinente e politicamente

incorrecto. Enquanto não consegue alcançar o seu único objectivo na vida - dormir - a preguiça não impede Polichinelo de se apaixonar, de abandonar dezenas de filhos, de ludibriar as autoridades e, numa das cenas mais incríveis, de vencer a morte. A mais vigorosa pancadaria faz tremer a tenda onde decorre este hilariante espectáculo, que vive da irreverência caótica de uma das personagens europeias mais antigas.

E se parece já não ser possível fazer humor em redor de *Romeu e Julieta*, o Teatro Anpu (República Checa) contraria todas as expectativas ao apresentar a monumental obra de Shakespeare com fantásticas marionetas de fio que medem apenas 30 cm de altura. Dois actores começam por se apresentar como um casal de comediantes esgotados e tão cansados um do outro como dos vinte anos de representação da história de amor mais conhecida do mundo. Com este prólogo, o desenvolvimento do enredo desloca-se para um palco em miniatura, ladeado por colunas clássicas, onde as pequenas figuras repetem incessantemente as frases que lhe competem (Romeu: "Procuo o amor! Procuo o amor!"). Numa sucessiva destruição das convenções dos géneros teatrais, a acção

<

Pépé e Stella,
a partir de *Pojken och Stjärnan*,
de Barbro Lindgren,
adaptação de Nicola Lusuardi,
enc. Fabrizio Montecchi,
Teatro Gioco Vita, 2006.

<

L'ucello di fuoco,
a partir de Igor Stravinsky,
dir. Fabrizio Montecchi,
Teatro Gioco Vita, 2004.

Les mondes de Fingerman,
criação de Inês Pasic,
Gaia Teatro, 2003.

>

>
Vampyr,
 de Jan Veldman,
 concepção Neville Tranter,
 dir. Allan Zipson,
 Stuffed Puppet, 2006,
 fot. Renato Runes.



passa das marionetas para os actores, dos actores para as marionetas, a farsa cruza-se com o grotesco, o cabaré dá lugar à poesia. Até o pequeno palco consegue servir de cama aos actores, numa sugestiva cena de amor ao som de Prokofiev.

Neville Tranter (da Stuffed Puppet, Holanda) é um bom exemplo da íntima associação entre a técnica do actor e do manipulador em *Vampyr*, um *one-man show* impressionante. Desdobrando-se em sete personagens – um jovem vampiro, o velho pai vampiro, uma menina moribunda (que ambos os vampiros desejam), criados titubeantes, um crápula ganancioso – o actor vai desafiando um enredo diabólico, tecido com humor negro, quase sádico, rasgado por uma inesperada sensibilidade romântica. A exposição da dependência entre o marionetista e as marionetas portáteis, de dimensão humana, não impede que o espectador seja absorvido pela ilusão e pelo ritmo cinematográfico, graças ao virtuosismo de Tranter.

Nos espectáculos mencionados, vemos trabalhos de excelentes intérpretes, sendo de lembrar que a técnica do actor perdeu a sua invisibilidade e deixou de estar colocada em segundo plano para ser considerada fundamental na preparação do marionetista, enquanto manipulador e *performer*. Os elementos constituintes do teatro da marioneta, como o trabalho corporal e a articulação entre o humano e o objecto animado, são hoje expostos e integrados no jogo cénico. Por esta razão, o plano curricular da Escola Nacional Superior das Artes da Marioneta associa a técnica da marioneta com voz, corpo e gesto e, neste domínio privilegiado da pluridisciplinariedade, a dramaturgia,

as artes plásticas e a música também fazem parte da formação de base. Um programa aliciante, que privilegia a formação profissional de marionetistas capazes de traçar um percurso pessoal e artístico num espaço de liberdade e pesquisa. E se o limite de idade para os candidatos, entre os 18 e 25 anos, pode ser uma pesada restrição, o Instituto Internacional da Marioneta promove ainda o programa de Investigação/Experimentação, estágios profissionais de Verão, as edições IIM e o seu Centro de Documentação apoia e acolhe investigadores nacionais e estrangeiros.

Ao propor o tema "Marionetas e novas tecnologias" para 14ª edição do festival, o Instituto assegura a convivência entre a tradição e as formas contemporâneas, abrindo a possibilidade de, num mesmo dia, o espectador descobrir o jogo colorido das marionetas sobre água vietnamitas, que atravessou dez séculos, e o mais recente trabalho da alemã Íris Meinhardt, *Intimitäten*, no qual a jovem encenadora e *performer* explora o seu corpo com uma micro-câmara, projectando no ecrã fragmentos de si (pele, dentes, retina) – superfícies transfiguradas em imagens poéticas e abstractas. Se a pertinência da sua presença neste espaço é questionada por alguns, o seu afastamento teria como necessária consequência o empobrecimento da reflexão teórica sobre o conceito de marioneta, manipulação, movimento e forma animada. Entre o passado e o futuro, a tradição e a vanguarda, as instituições que nasceram em Charleville, todas elas fundadas por Jacques Félix (1923-2006), continuam a situar o Teatro de Marionetas num universo dinâmico, aberto à investigação e à renovação de uma das artes de espectáculo mais antigas do mundo.